

baía, a de São José, sempre acompanhando o mar, cobrindo a costa de casas e de ruas, que esse é um imperativo de sua vocação oceânica.

São Luís não é mais a pequena cidade que ficou bem para trás em nossa idade, ultrapassando de longe a Camboa, que ali eram os seus confins do meu tempo. Mas também deixou de ser o mostruário colonial que se desdobrava a partir da Praia Grande, para encher de vestustos sobradões, moradas inteiras e porta-e-janelas toda essa área que se chama hoje de "centro histórico".

A cidade se cobriu, então, de casas pequenas e modernas, quase diria moderninhas, tão reduzidas e tão iguais que dão a impressão de peças de montar, como se fossem feitas para brincar de morar e não propriamente para gente morar. Não sei se essa cidade ficou mais bonita ou mais feia, que para mim, na minha ternura, ela será sempre linda. Nem seria outra a visão de Tribuzi, a quem Deus confiara o maravilhoso condão de recriar as coisas através do seu gênio poético, dotando-as de movimentos graciosos por mais desengonçadas que fossem, de impregná-las de amor até fazê-las belas.

É verdade que Bandeira Tribuzi não era só poeta. A sua formação acadêmica era de economista e, como economista, teria assistido firmarem-se na estrutura urbana de São Luís as características de cidade em transformação, por menos desejáveis que elas sejam, quando atingem a criatura humana e chegam até a degradá-la. Essa gente que se desorganiza no campo por falta de terra para cultivar, corre para a capital atrás de emprego e de perspectivas, sobretudo de perspectivas. Aqui se abeira do mar e aí se constrói a sua casa sobre a água, enfrentando a míngua de recursos, o mau cheiro, a fome. Na verdade, é o preço que paga ao desenvolvimento e ao progresso, o terrível preço que parece ser cobrado somente aos humildes e carentes a morte poupou a Tribuzi esse sofrimento, que lhe teria causado a rápida multiplicação das palafitas, assim como o triste e

